

COMO SURTIU O JOÃO-DE-BARRO

Douglas Tufano

© Jefferson Costa

Resenha

Jaebé era um índio guerreiro que se apaixonou perdidamente pela bela filha do chefe da aldeia, decidindo pedi-la em casamento. Para provar sua coragem ao relutante pai da moça, garantiu que poderia ficar nove dias sem comer e sem beber e que, ainda assim, continuaria forte. O chefe da aldeia ordenou, então, que Jaebé fosse enrolado em couro de anta e só libertado nove dias depois. Preocupada, na noite do quinto dia, a moça pediu que seu pai o soltasse, mas o chefe insistiu em esperar. Ao final do nono dia, toda a tribo se reuniu ao redor do guerreiro para ver se ele estava vivo ou não: grande foi a surpresa de todos quando, uma vez desenrolado o couro, Jaebé surgiu mais vivo e forte do que antes, com o corpo brilhando. Foi quando o jovem começou a entoar uma bela canção e, quando os primeiros raios da lua brilharam sobre o casal apaixonado, os dois transformaram-se em pássaros e saíram voando juntos.

O livro apresenta ao leitor uma dentre as muitas narrativas de origem presentes na cultura dos povos indígenas no Brasil. Mais do que simplesmente criar explicações para o surgimento de animais e seres da natureza — nesse caso o João-de-Barro —, narrativas como esta também trazem à tona sentimentos humanos: afinal, como afirma o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, para os indígenas os animais também já foram humanos — ser humano é uma questão de perspectiva.

A cultura indígena no Brasil representa um arcabouço cultural multifacetado e complexo: antes da chegada dos portugueses, cerca de 900 povos distintos, falando por volta de 110 línguas diferentes, habitavam o território amplo que mais tarde se tornaria o Brasil. Nos dias de hoje, 250 povos indígenas habitam o território brasileiro. Apresentar às crianças algumas das narrativas das tradições indígenas é uma maneira de desconstruir preconceitos e generalizações, de permitir que descubram a complexidade e diversidade desses povos que a arrogância do pensamento colonizador nos acostumou a encarar como primitivos.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

 **Depoimento**

De Luciana Alvarez,
jornalista e mãe

A conversa pode começar antes de abrir o livro: o que é um joão-de-barro? Embora sejamos uma família urbana, com reduzido repertório a respeito de pássaros, meus filhos já haviam visto ninhos de joão-de-barro e se lembraram na hora do que se tratava.

O joão-de-barro é bastante popular, presente em boa parte do território nacional (com exceção das áreas mais ao norte), inclusive em áreas urbanas. Existem várias lendas e até músicas que têm o pássaro como tema – mas eu não conhecia nenhuma delas até fazer uma pesquisa básica na internet.

Suas casas tão características lhe deram o nome, mas os indígenas reconhecem neles outro traço singular: são monógamos; os casais costumam cantar juntos à entrada do ninho. E vai ser sobre o traço do “amor” que o mito do livro fará referência.

Ainda na capa se percebe outro ponto importante: o fato de que a história se passa numa aldeia indígena. Sem eu ter abordado a questão, minha filha comentou sobre as diferenças daquelas crianças. Mas o autor, Douglas Tufano, nos presenteia com um começo que nos aproxima dos indígenas. Um adulto reúne pequenos curumins num círculo para escutar a lenda, algo semelhante ao que está acontecendo no momento da leitura. Crianças da cidade, da roça ou da aldeia, todas gostam de ouvir histórias.

O livro conquista pelo conjunto. Com textos curtos e diálogos em balões, semelhante a gibis, ele traz uma alta densidade narrativa. Os personagens ganham profundidade pelas ilustrações expressivas, em que facilmente se reconhecem os sentimentos provocados pelas situações.

Para meus filhos, o desfecho provocou estranhamento. Não por ser fantástico, mas pela direção para a qual o fantástico caminha. Humanos que se tornam bichos, ou vice-versa, povoam o imaginário infantil. Nas histórias de princesas, há sapos que viram príncipes; em *Pinóquio*, há meninos que viram burros; em *Valente*, a rainha vira uma ursa. *Como surgiu o joão-de-barro* dialoga com narrativas infantis conhecidas, mas surpreende os pequenos por

trazer outra visão a respeito dos animais. Para os indígenas, ser transformado em bicho não é castigo, ou algo que deva ser revertido. Em vez de punição, virar pássaro é o ápice de uma história de amor e determinação. Parece igual, mas na essência é muito diferente. Aqui, vale uma boa discussão: será que somos melhores, mais importantes ou mais evoluídos do que os outros animais?

 **Um pouco sobre o autor**

Douglas Tufano nasceu em São Paulo. É formado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo. Foi professor efetivo da rede oficial de ensino de São Paulo e trabalhou também em escolas particulares, tendo lecionado Português, Literatura Brasileira e História da Arte. Atualmente, ministra cursos de capacitação para professores de todo o Brasil a convite de Secretarias de Educação e instituições particulares de ensino. É autor de vários livros didáticos e paradidáticos, publicados pela Editora Moderna.

 **Leia mais****Do mesmo autor**

- ✦ *Histórias da Terra e do Céu*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Navegando pela língua portuguesa*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Navegando pela mitologia grega*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Jean Baptiste Debret*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Navegando pelo dicionário*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *Poranduba*: roda de histórias indígenas, organizadora Rute Casoy. Rio de Janeiro: Nau Editora.
- ✦ *Puratig*: o remo sagrado, de Yaguarê Yamã. São Paulo: Peirópolis.
- ✦ *Irakisu*: o menino criador, de Renê Khitãulu. São Paulo: Peirópolis.
- ✦ *O povo Pataxó e suas histórias*, de Anghichay. São Paulo: Global.

